

LEITURA NO BRASIL NA DÉCADA DE 90:

UMA ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE COMPREENSÃO TEXTUAL NOS LDP

Patrícia Barreto da SILVA¹

RESUMO

O presente trabalho se propõe a construir uma análise histórica da concepção de leitura na década de 90 através da análise das atividades de compreensão textual (doravante, CT) presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II. Nosso objetivo é de verificar quais eram as concepções de leitura defendidas através das atividades de CT, se elas sofreram modificações e qual a validade desses conceitos para a formação das habilidades necessárias para o processo de leiturização dos alunos. O corpus de nossas análises se constitui de atividades de CT presentes nos exemplares das 5ª e 8ª séries de duas coleções correspondentes a três períodos: início, ano 90, meio, ano 95, e final, ano 99. Depois da categorização dos exercícios de CT em níveis A, B, C, D e E, correspondentes aos horizontes de Marcuschi (1996), constatou-se que houve mudanças na abordagem das atividade de CT e conseqüentemente nas concepções de leitura, mas ainda temos uma grande representatividade dos níveis A e B considerados insuficientes para atender as necessidades do leitor do século XXI.

PALAVRAS-CHAVES: leitura; atividade de compreensão textual e livro didático.

Leitura: concepções e armadilhas

Para alcançarmos os objetivos propostos, faz-se necessária a apresentação e discussão do que se entende por leitura. Primeiramente, verificaremos alguns conceitos.

✚ Para Kleiman (1993:10) a leitura é uma “*prática social que remete a outros textos e outras leituras*”. Assim, ao lermos um texto, acionamos valores, crenças

¹ UFPB/ Programa de Pós Graduação em Lingüística, stellasilv@hotmail.com.

e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização. Kleiman vê a leitura como processo psicológico em que o leitor recorre a estratégias baseadas no seu conhecimento lingüístico, sociocultural e enciclopédico.

✚ Para Orlandi (1988), a leitura pode ser entendida como “*atribuição de sentidos*”, sendo utilizada indistintamente tanto para a escrita como para a oralidade. Assim, a leitura é uma construção ativa, um fenômeno complexo, composto tanto de indagações e abordagens, quanto de teorias e concepções sobre sua aprendizagem.

✚ Para Coracini (1995:15), o ato de ler é visto com um “*processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido – o autor e o leitor –, ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos*”. Para a autora, o comportamento, as atitudes, a linguagem e o sentido são determinados pelas condições históricas e sociais.

✚ Para Paulo Freire(1986:11-2) *a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.*

✚ Já os PCN de Língua Portuguesa da 5ª à 8ª séries (1998:69) apresentam a leitura como *o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. [...] Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, [...].*

Depois de conhecermos alguns conceitos e percebermos que há processos metodológicos diferentes, vamos organizar essas várias abordagens em modelos. São eles:

MODELO ESTRUTURALISTA

Abordagem	ESTRUTURALISTA
Representantes	STREET (1984) E HUSSERL (1988)
Conceito de leitura	Atividade mecânica de recuperação de informações inquestionáveis
Texto	Objeto inquestionável
Leitor	Passivo
Atividade	Nível A: cópição / decodificação Nível B: paráfrase

MODELO SÓCIO-INTERACIONISTA

Abordagem	SÓCIO-INTERACIONISTA
Representante	MOITA LOPES (1996), MARCUSCHI (1996)
Conceito de leitura	Relação do locutor com o interlocutor através do texto e na determinação de ambos pelo contexto. Um ato comunicativo que envolve aspectos

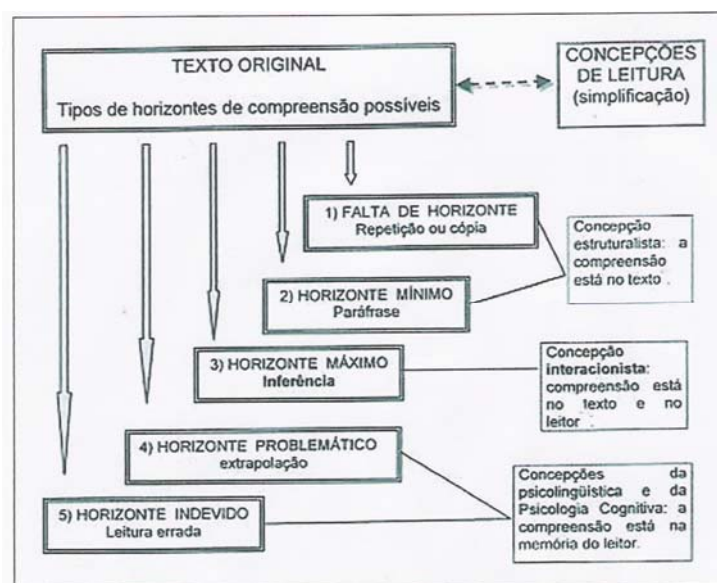
	sociais, psicológicos e contextuais.
Texto	Meio de interação social entre autor e leitor, na construção de significado.
Leitor	Reflexivo
Atividade	Nível C: inferências

MODELO PSICOLÓGICO COGNITIVISTA

Abordagem	PSICOLÓGICA COGNITIVA
Representante	RUMELHART (apud KATO, 1998)
Conceito de leitura	Relação entre o conhecimento de mundo que o leitor mobiliza ao ler e a compreensão
Texto	Ativador de conhecimento
Leitor	<p>Tem sua memória composta por esquemas que podem ser automodificados.</p> <p>Divididos em:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. descendente (<i>top-down</i>): parte do conhecimento de mundo para a decodificação; 2. ascendente (<i>bottom-up</i>): parte da decodificação para o conhecimento de mundo.

Atividade	Nível D: prioriza a relação entre o conhecimento de mundo do leitor e o texto, ora o conhecimento sobre o texto, ora o texto sobre o conhecimento de mundo, sendo a decodificação e a análise pessoal processos utilizados para o desenvolvimento da leitura.
------------------	---

Sendo assim, o processo escolhido como abordagem está diretamente ligado à concepção de leitura defendida que foram correlacionadas com os níveis. Esses níveis seriam correspondentes aos cinco horizontes apresentados por Marcuschi (1996a) para a atividade de compreensão, são eles: *falta de horizonte* (nível A), *horizonte mínimo* (nível B), *horizonte máximo* (nível C), *horizonte problemático e/ ou indevido* (nível D). Observe o quadro:



Quadro de marcuschi figura disponível em PUC-Rio Certificação Digital nº

Leitura no espaço escolar: afinal, de quem é a missão?

Falar de trabalho com a leitura no espaço escolar, é remeter-se diretamente para o professor de Língua Portuguesa que, numa concepção ingênua, é o único responsável pelo desenvolvimento das habilidades que cercam esse ato, portanto é dele a culpa de hoje, início de século XXI, termos, em exames nacionais, rendimentos tão baixos, no que diz respeito à competência de ler. Mas o fato não é bem assim. O desenvolvimento das competências e habilidades da leitura não é *missão* unicamente do professor de português, leitura é um ato de compreensão, é uma atividade social que nos possibilita analisar, entender e transformar o mundo que nos cerca, como um ato social pode ser unicamente missão do professor de português?

Infelizmente num contexto geral, a escola não se apresenta como um espaço que contribui para a formação do leitor, sendo muitas vezes ela a responsável pela representação da leitura como algo depreciativo, já que quase sempre se coloca como algo imposto de um soberano (professor) para os vassallos (alunos). Ainda para agravar mais nossa situação, aula de leitura é perda de tempo, ou melhor, nem é aula, é uma estratégia do professor que não quer dar aulas.

Nem todas as escolas, em especial as públicas, possuem bibliotecas. Os livros ainda são considerados “artigos de luxo”, já que custam, em geral, valores muito além do poder aquisitivo do brasileiro. As políticas de investimento governamental dirigidas aos projetos de leitura ainda são muito mais pautadas em medidas emergenciais. Enfim, há uma série de problemas.

Somando esses indicadores que são apenas alguns dos existentes, não poderíamos ter um resultado diferente do que temos. De quem é a *missão* para reverter esse quadro?

Com certeza, não é só do professor de português, mas sim de vários setores da sociedade: político, escolar, profissionais de educação ...

Leitura nos LDP da década de 90: quais concepções eram adotadas nas atividades de Compreensão Textual?

A inquietação que permeia a presente pesquisa é a de verificar como era representada a concepção de leitura através das atividades de Compreensão Textual (doravante, CT) nos livros didáticos do Ensino Fundamental II da década de 90 para a partir disso, tentarmos entender como se deu o processo de formação desses leitores do final do século XX e quais desafios essa década deixou para a formação dos leitores do início do século XXI.

Procedimentos Metodológicos

Para atingirmos os objetivos propostos anteriormente e chegarmos próximo aos possíveis caminhos que amenizam as nossas inquietações, selecionamos um *corpus* de 6 coleções, sendo 2 publicadas em 90, 2 publicadas em 95 e 2 publicadas em 99. Para a escolha do material do *corpus*, tivemos como prioridade a seleção das editoras com maior representatividade de vendas de livros didáticos de Língua Portuguesa no Brasil: FTD, Ática / Scipione, Moderna e Editora Brasil.

Após a seleção das coleções, fizemos um recorte e escolhemos analisar apenas os livros referentes às 5ª e 8ª, séries que iniciam e finalizam o Ensino Fundamental II. Em cada livro selecionado, foi avaliada qual a seção que o autor dirigia ao trabalho da CT, essa seção foi primeiramente quantificada por número de textos trabalhados como proposta de CT e seguida da escolha de dois conjuntos de atividades que mais representassem a postura metodológica adotada no livro. Esses conjuntos tiveram o número de perguntas quantificadas e analisadas de acordo com os seguintes níveis:

A: atividades de cópia ou decodificação;

B: atividades de construção de paráfrases;

C: atividades que necessitam de inferências;

D: atividades que priorizam os conhecimentos pessoais;

É importante salientar que compartilhamos neste trabalho com a idéia defendida por Kleiman (1995) de que a *compreensão* é a percepção e a construção do significado com base na textualidade no nível lexical, sintático, semântico e pragmático.

Análises nas atividades de Compreensão Textual

As coleções analisadas foram:

Ano 90:

1ª coleção: **ATIVIDADES DE COMUNICAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

SARGENTIM, Hermínio G., São Paulo: IBEP, 1990.

Análise da seção: *Vamos entender o texto*

2ª coleção: **REFLEXÃO & AÇÃO (edição reformulada)**

PRATES, Marilda. São Paulo: Editora Brasil, 1990.

Análise da seção: *Vamos discutir o texto*

Ano 95

1ª coleção: **LINGUAGEM NOVA**

FARACO & MOURA. São Paulo: Ática, 1995.

Análise da seção: *Compreensão*

2ª coleção: **FALANDO A MESMA LÍNGUA**

FERREIRA, Givan. São Paulo: FTD, 1995.

Análise da seção: *Entendimento do texto*

Ano 99:

1ª coleção: **LEITURA DO MUNDO**

TEXEIRA, Lúcia; DISCINI, Norma. São Paulo: Editora Brasil, 1999.

Análise da seção: *Leitura do Texto*

2ª coleção: **LENDO E INTERFERINDO**

FRASCOLA, Anna; FÉR, Aracy S.; PAES, Naura S. São Paulo: Moderna, 1999.

Análise da seção: *Lendo*

As coleções foram analisadas seguindo os 4 níveis A, B, C e D, descritos no tópico anterior. Para melhor explanação, vejamos agora um exemplo de cada nível contido nas atividades de CT propostas pelos livros avaliados.

Nível A: *Como se chama o autor do texto?* (1ª coleção/90 – 5ª série, p. 7)

Uma atividade meramente de cópiação, já que o nome do autor encontra-se no final do texto.

Nível B: *Responda: Se “a terra era rica, os pastos eram bons, as ovelhas se desenvolviam”, por que os criadores não se contentaram com essa situação?* (2ª coleção/95 – 5ª série, p. 176).

Uma atividade cuja resposta está explicitamente citada no texto, levando os alunos ou a copiarem ou a construir paráfrases.

Nível C: “As indústrias sonham com o dia em que poderão vender diretamente aos consumidores, sem nenhum intermediário.” Explique o que aconteceria se o intermediário fosse eliminado das transações comerciais. (2ª coleção/99 – 5ª série, p. 120)

Atividade que estimula a busca de inferências para que a questão possa ser respondida.

Nível D: *É possível uma pessoa se conhecer profundamente?* (2ª coleção/99 – 5ª série, p. 207)

A atividade preocupou-se na referenciação pessoal.

Seguindo os modelos acima, obtivemos os seguintes resultados:

ANO 90		ANO 95		ANO 99	
1ª Coleção		1ª Coleção		1ª Coleção	
5ª	8ª	5ª	8ª	5ª	8ª
número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:
29	30	14	15	26	21

11	13	16	14	17	13
perguntas:	perguntas:	perguntas:	perguntas:	perguntas:	perguntas:
A - 10	A - 5	A - 10	A - 10	A - 7	A - 6
B - 1	B - 7	B - 6	B - 4	B - 7	B - 7
C - 0	C - 1	C - 0	C - 0	C - 3	C - 0
D - 0	D - 0	D - 0	D - 0	D - 0	D - 0
Total: 90%	Total: 53%	Total: 62%	Total: 71%	Total: 41%	Total: 53%
A	B	A	A	A e B	B
2ª Coleção		2ª Coleção		2ª Coleção	
5ª	8ª	5ª	8ª	5ª	8ª
número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:	número de conjunto de atividade:
12	13	12	12	12	10
18	17	19	17	17	25
perguntas:	perguntas:	perguntas:	perguntas:	perguntas:	perguntas:
A - 13	A - 6	A - 8	A - 6	A - 6	A - 4

B – 4	B – 6	B – 5	B – 7	B – 2	B – 7
C – 1	C – 5	C – 6	C – 4	C – 7	C – 9
D – 0	D – 0	D – 0	D – 0	D – 2	D – 5
Total: 72%	Total: 35%	Total: 42%	Total: 41%	Total: 41%	Total: 36%
A	A e B	A	B	C	C

Considerações Finais

O que podemos constatar ao final das análises é que mudanças ocorreram em relação aos níveis das atividades de CT ao longo da década de 90, em especial na última categorização, levando-nos a levantar a hipótese de que pode ter sido a publicação dos PCN um dos maiores responsáveis pelo fato, já que os livros selecionados no ano de 99 informam em seu manual do professor seguirem as orientações dos parâmetros.

Quando avaliados pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) no ano de 2000 que teve como foco verificar a capacidade de leitura dos alunos com 15 anos, independente da série que cursavam, obtivemos o pior resultado. Nossos alunos foram classificados de acordo com o nível 1, considerado nível elementar de leitura.

Correlacionando os fatos, o nível 1 do PISA corresponde ao nível A da presente pesquisa, que, coincidentemente, foi o nível mais verificado nos exercícios de CT dos LDP da década de 90, ou seja, se o livro é o instrumento mais utilizado para o ensino e

aprendizagem e se as atividades de CT dos livros de Língua Portuguesa da década de 90 apresentaram-se predominantemente pertencentes ao nível A, não é de se estranhar que os alunos sejam englobados no nível 1 de leitura segundo o PISA, ou seja, podemos dizer que nossos alunos são bons aprendizes, pois eles apresentaram exatamente o mesmo nível do instrumento pedagógico que mais utilizamos, o livro.

Se essas mudanças que foram verificadas aqui na pesquisa, forem mais significantes ao longo dessa década, talvez poderemos observar também mudanças nos resultados das avaliações relacionadas à leitura.

Mas é importante frisar, para não cairmos no positivismo inocente, que as mudanças precisam ser cada vez mais evidentes e condizentes às necessidades que a sociedade exige para um leitor num dado momento histórico. Sendo assim, resta-nos dizer que os desafios que hoje, início do século XXI, temos em relação à leitura são resultantes do processo de formação dos leitores, em especial, da década de 90 e para que possamos traçar uma realidade diferente no final desta década é necessário uma avaliação continua nesse instrumento pedagógico mais utilizado em sala de aula – o livro.

REFERÊNCIAS

CORACINI, M. J. R. F. (Org.) **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo, 1986.

GOODMAN, K. **The reading process**. In: CARRELL, P., DEVINE, J. & ESKEY, D. (orgs) *Interative Approaches to second Language Reading*, 1988.

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas** - sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Coleção Os Pensadores).

KATO, Mary Aizawa. **O mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1998.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: Pontes, 1993.

_____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. O livro didático de língua portuguesa em questão: o caso da compreensão de texto. In: **Caderno do I colóquio de Leitura do Centro-Oeste**. 18 a 22 de nov de 1996. Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. UFG, p. 38-71, 1997.

MOITA-LOPES, L. P. **Interdisciplinaridade e intertextualidade: leitura como prática social**. In: *Anais do 3º Seminário da Sociedade Internacional de Português e Língua Estrangeira*. UFF, Niterói, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. Campinas, SP: Cortez, 1988.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN): Língua Portuguesa (vol.2). Rio de Janeiro: DP&A. SEF/MEC, 1998.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Praticce**. Cambrige: Cambrige university Press, 1984.